

A GEOGRAFIA URBANA E AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES – passeios pelas cidades, ruas e espaços públicos na Bíblia

Elaine Neuenfeldt

O que motiva este passeio por alguns espaços urbanos mencionados na Bíblia é a pergunta pelas experiências das mulheres, sua posição, sua atuação, suas experiências cotidianas de poder e autoridade, ou submissão e violência. Ou seja, o que se constitui como foco desta trajetória é olhar os recantos das ruas, das praças, das casas, janelas e portas, nas cidades e descobrir como a geografia e arquitetura urbanas motivam, promovem, ajudam ou não para o desempenho de papéis sociais de liderança para as mulheres. A cidade é lugar acolhedor para as mulheres? Quais são as possibilidades e as limitações que o mundo urbano proporciona às mulheres? Mesmo sendo poucas as referências explícitas da presença e desenvoltura de atividades de mulheres em cidades, e aqui restrinjo-me ao Primeiro Testamento, este ensaio busca analisar estes textos com estas perguntas específicas.

Desde logo, há que apontar algumas limitações, que fazem desta proposta um ensaio tentativo de abordagem de gênero nas questões urbanas em textos bíblicos. Primeiro, é de que a área que delimito é o Primeiro ou Antigo Testamento; este tem como contexto basicamente o mundo rural, das aldeias agrícolas; a cidade era vista com certas restrições nos textos do Primeiro Testamento. Segundo, analisar a geografia e as arquiteturas urbanas desde uma perspectiva de gênero, com instrumentais feministas, analisando as experiências das mulheres e seus papéis sociais no mundo do antigo Israel é uma iniciativa desafiante por causa da carência de estudos neste campo. Ainda são limitados os estudos da geografia e arquitetura em geral, que utilizam a perspectiva de gênero, e fazer isto com os textos bíblicos não passa aqui de uma aproximação inicial, bastante introdutória, que merece aprofundamento posterior. No entanto, a proposta é instigante e as suspeitas iniciais apontam para algumas imbricações interessantes.

Caracterizando o mundo urbano no Primeiro Testamento

O mundo social e político, a geopolítica dos textos do Primeiro Testamento é marcadamente rural e anticidadina. Há perigos que rondam a cidade: a cobrança dos tributos altos e exigentes para os agricultores, o exército, por causa das constantes guerras e lutas para livrarem-se do domínio de outras cidades. Ou ainda o conflito constante envolvendo as regiões rurais na tentativa de abolir o domínio expropriador do grupo da elite governante urbana. O conflito entre “cidade e campo” é evidente em muitos textos pré-monárquicos, bem como proféticos, do tempo da monarquia no antigo Israel. Como o mundo bíblico não está isolado do contexto mais amplo, esta tensão pode ser percebida no Antigo Oriente Próximo em geral. A cidade não se sustenta a si mesma, ela precisa

expropriar a região rural, com sua produção agrícola para manter a estrutura administrativa centralizada e hierárquica, a elite opulenta, bem como os projetos de construção de palácios e templos, muros, fortificações, ou, ainda, exerce ameaça sobre a população rural, pois esta é recrutada como dispositivo no repovoamento urbano, quando necessário, após devastações causadas por guerras e mortes por doenças¹.

Parece que a incompatibilidade intrínseca no mundo social dos textos do Antigo Testamento acontece entre as aglomerações urbanas, organizadas em cidades-estados e os produtores rurais, organizados em grupos familiares, responsáveis pela produção de alimento em geral. Norman Gottwald coloca a cidade e a região rural em traços antitéticos descrevendo a cidade com as seguintes características: urbanismo, divisão máxima de trabalho, estratificação social quase-feudal impostas, hierarquia política, imperialismo militar, agricultura latifundiária, comércio, concentração da riqueza excedente numa elite sociopolítica².

E as mulheres?

Nas cidades, as mulheres de classe social mediana estavam mais atreladas aos seus maridos e não tinham o espaço de atuação como no campo. Nos centros urbanos, elas eram esposas de oficiais do exército, de funcionários do estado ou do templo, de sacerdotes. As diferenças de gênero se tornaram muito mais evidentes, tendo papéis mais claramente delimitados e definidos para homens e mulheres, quando o modelo baseado na complementaridade e dependência mútuas, característica da organização familiar camponesa, diminui dando lugar ao agrupamento urbano³.

Mulheres que viviam na cidade, da elite ou não, participavam das relações econômicas conforme é atestado em alguns textos bíblicos: Am 4,1-2; Is 3,16-4,1. Mulheres são citadas nas profissões de padeira, cozinheira e perfumista, ligadas com o trabalho na corte: 1Sm 8,11-13; ou trabalhavam na área da música e do canto: Am 8,3; 2Sm 19,36; Est 2,65; Ne 7,67⁴. Se, por um lado, as mulheres estavam mais dependentes e atreladas à posição que o marido ocupava na cidade, por outro, a estrutura social e política da cidade parece que proporcionava às mulheres, em alguns casos, a possibilidade de se envolver em funções e posições dotadas de poder. Nas classes sociais abastadas, as esposas, mães e filhas dos reis tinham influência nos acontecimentos políticos. Veja, por exemplo, Betsabeia, esposa de Davi e mãe de Salomão, que influencia na sucessão do trono em favor de seu filho (1Rs 1-2); ou Abisag, que ocupa a posição de poder no trono de Davi, 1Rs 1,1-4, embora a tradução aqui normalmente a associe com um papel meramente de cuidado, o que é contraditório, por exemplo, comparado ao texto de 1Rs 2,13-23, onde se dá um conflito evidente em torno de quem poderá casar com ela, dando-lhe claramente um lugar político de destaque. Há ainda na corte ou-

1. Norman GOTTWALD, *As tribos de Iahweh*, p. 474.

2. Norman GOTTWALD, *As tribos de Iahweh*, p. 467-468.

3. Carol MEYERS, *Everyday life*, p. 251.

4. Silvia SCHROER, *Exegese feminista*, p. 137.

tro lugar social institucionalizado e político importante para as mulheres, a *gebirah*, a rainha-mãe. O papel das *gebirah* estava especialmente ligado às funções e responsabilidades políticas que envolviam a sucessão do trono real. Estas atuações do campo político não podem ser vistas dissociadas das funções religiosas e os papéis religiosos são frutos da localização das mulheres na trama social⁵.

Os textos bíblicos, compilados antes do exílio, são fortemente influenciados pelas inovações que estão ocorrendo na sociedade em transição: incremento na urbanização, a passagem de vilas agrárias e criadoras de gado para uma economia influenciada pelas relações externas de comércio e militares. Ao mesmo tempo isso provoca uma crescente estratificação e centralização das instituições políticas e religiosas⁶.

Essas transformações na sociedade israelita vão trazer diferentes consequências na vida das mulheres. Na sociedade tribal agrária, o papel da mulher era fundamental no desenvolvimento da agricultura. Com o aumento das populações urbanas, exigiu-se também uma maior produtividade agrícola que abastecesse esses centros. As relações exteriores implicaram aumento da força de defesa, no exército. Aliado a isso, há registros de pestes ou epidemias que devastaram populações⁷. Mas o crescimento do Estado exigia crescimento populacional, para garantir a produção, o trabalho e a força militar. Essas exigências da nova conjuntura requeriam que se redimensionasse a função das mulheres: elas tinham que gerar filhos⁸. O seu papel principal passa a ser o de reprodutoras – da força de trabalho e da ideologia.

A cidade e as mulheres – abordagens de gênero

Hoje, a discussão do direito das mulheres à cidade tem constituído uma agenda política pautada no acesso e exercício de cidadania de mulheres. Estas reflexões atuais, guardadas as diferenças com o mundo antigo, são lugar de diálogo para a análise das experiências das mulheres na geopolítica urbana no período bíblico.

Ao analisar o tema é necessário refletir que “uma coisa é constatar a presença das mulheres na cidade, outra completamente distinta é pensar a produção desse espaço tendo como preocupação política e analítica a estrutura e a dinâmica das relações das desigualdades entre mulheres e homens”⁹. Numa discussão compilada na “Carta Europeia das Mulheres na Cidade”, que enfoca questões sobre a cidade, a cidadania e o gênero propondo uma plataforma comum de reflexão no plano europeu, afirma-se que embora “as mulheres representem mais de 50% da população, elas permanecem particularmente ausentes do debate público em se tratando do desenvolvimento e da gestão da cidade”. “As mulheres e os homens vivem a cidade de maneiras diferentes, de acor-

5. Silvia SCHROER, *Exegese feminista*, p. 110-111.

6. Phyllis BIRD, *Women's Religion in Ancient Israel*, p. 288-289.

7. Carol L. MEYERS, *As raízes da restrição*, p. 15-19.

8. Carol L. MEYERS, *As raízes da restrição*, p. 23-25.

9. Para toda a reflexão sobre as mulheres e a cidade, conferir: http://brasilien.ded.de/cipp/ded/custom/pub/content,lang,5/oid,7122/ticket,g_u_e_s_t/~Reportagem_“O_Direito_da_Mulher_à_Cidade”.html

do com seus papéis e com as suas responsabilidades a partir da divisão sexual do trabalho. Esta se exprime não somente a partir da diferenciação das tarefas atribuídas às mulheres e aos homens, mas igualmente através do acesso/controlado de recursos, assim como na valorização das atividades de uns e de outros”¹⁰.

O que deste debate fica evidente é que mais do que procurar as mulheres na cidade, porque definitivamente elas estão presentes, o olhar deve dirigir-se aos espaços, às trocas, aos relacionamentos, às funções e papéis que mulheres desempenham nos espaços públicos, dos quais a cidade é um deles. Estes são debates que surgem quando as perspectivas de gênero são utilizadas no planejamento e na gestão da cidade. Aqui é possível citar uma série de exemplos práticos que são passíveis de questionamento, desde o modelo de calçado planejada a partir da experiência de homens, com modelos de sapatos masculinos, não tomando em conta que muitas vezes mulheres usam outros modelos de sapatos e, por isso, o calçado deve adequar-se, passando por questões de segurança como terrenos baldios, pontos de ônibus em lugares escuros, ou finalmente, revendo o debate em torno da cidadania, a partir do direito das mulheres à cidade, com participação no desenho das políticas públicas e do planejamento urbano.

Outra fonte de enriquecimento deste diálogo pode se encontrado em Michele Perrot, *As mulheres e os silêncios da história*, quando analisa a cidade francesa do século 19, com seus atravessamentos de gênero¹¹. A autora aponta que há de certa maneira uma representação estereotipada da cidade, uma visão moral, da cidade perigosa, prostituída, prostituidora, culminando na “Paris-babilônia”. Neste contexto, ela chama a atenção para o fato do vocabulário reforçar estes estereótipos, em relação aos homens e às mulheres: “a “mulher pública”, o horror; ao “homem público”, a honra. A primeira é propriedade comum – a prostituta; o segundo, a própria figura da ação. O espaço público, do qual a cidade é uma forma, sublinha com veemência a diferença entre os sexos”¹².

A geografia da cidade e as mulheres em alguns textos bíblicos

Espaços de perigo e violência

A lei pressupõe que na cidade mulheres podem encontrar defesa em situação de perigo: Dt 22,23-23, diz que se uma virgem for violada na cidade, os dois, perpetrador e vítima devem morrer apedrejados; já no campo só o homem, pois a mulher pode ter gritado e ninguém a escutou. Esta diferenciação assume que a cidade ouve e acode aos gritos das mulheres quando estas sofrem violência. Não é o que a experiência atual mostra: terrenos baldios, lugares escuros são potencialmente perigosos para mulheres na cidade. Além do que, hoje, é comprovado de que a maior incidência de violência sexual contra mulheres e meninas ocorre dentro da casa e não na rua. O texto de 2Sm 13, onde Tamar, a filha virgem do rei Davi, é violentada dentro do palácio, pelo seu meio-irmão, parece mostrar que esta é também uma realidade naqueles tempos. A lei é construída na perspectiva masculina, que primeiro entende que, em situações de estu-

10. “Carta Europeia das Mulheres na Cidade”. Ver: <http://www.cityshelter.org/03.charte/chartes/03charte-pt.htm>

11. Michele PERROT, *As mulheres e os silêncios da história*, p. 343-360.

12. Michele PERROT, *As mulheres e os silêncios da história*, p. 343-344.

pro, as mulheres podem gritar, pedir ajuda e, se não o fazem, passam a ser entendidas como vilãs ou provocadoras, ou, ainda, que consentiram com a violência. Por outro lado, o aspecto da geografia urbana aqui merece ser destacada: as ruas e becos são potencialmente lugares de perigo em todas as épocas.

Da mesma forma, a mulher em busca do seu amado, em Cantares 5,7¹³, é vítima de agressão física e possivelmente sexual – os guardas lhe tiram o manto e isto em outros contextos tem evidente sentido sexual (Gn 9,21-23, com Noé e Lv 18, leis contra descobrir a nudez). A cidade é lugar de violência e perseguição contra a mulher. Não há quem a ajude. Esta ameaça de violência já é lugar comum para as mulheres quando entram nas cidades. Sara, ao acompanhar Abraão ao Egito (Gn 12), passa por uma situação de perigo. Parece que o contexto é urbano, pois faz referência aos príncipes do faraó (v. 15). O texto diz que é por causa de sua beleza, que os homens irão persegui-la, quase que culpando-a. Mas, é Abraão que faz a proposta de se passarem por irmãos, e por isso ela é levada para a casa do faraó. Na cidade, os homens têm medo e as mulheres são vítimas. Da mesma forma, a lei de hospitalidade, da forma como é tomada, representa medo, violência e morte para as mulheres: Gn 19 8 e Jz 19,22-28.

Outra forma de violência é no uso da metáfora do casamento nos textos proféticos, onde a cidade é apresentada como a mulher esposa-prostituta. Os capítulos 1 e 2 de Oseias são exemplos; bem como os textos de Ezequiel capítulo 16 e 23, entre outros, referindo-se a Jerusalém e Samaria, ou Nínive, em Na 3,1-7. A possibilidade de interpretação que proponho aos textos aqui restringe-se à ideia do uso metafórico da mulher, adúltera ou prostituta com a cidade. O estereótipo da cidade como lugar de perdição – e, por isso, associada com o corpo e a sexualidade das mulheres – entra de novo em cena aqui. Vale destacar a crítica feita pelas biblistas feministas que afirmam o efeito nocivo para as mulheres reais, do uso de metáforas carregadas de violência como estas que são qualificadas como pornoprocias; as metáforas não são mero recurso decorativo, mas representam um conteúdo cognitivo real¹⁴. A cidade, metafórica no corpo e na sexualidade das mulheres traça uma geografia de violência: elas são abusadas em sua juventude, assediadas; mas mesmo assim são acusadas de serem adúlteras e prostitutas. Elas são vítimas, mas, como o estudo mencionado bem assinala, troca-se a experiência das mulheres por outro nome, culpando-as, seguindo a trajetória de violência, agora no texto, no discurso.

Relacionar metaforicamente as mulheres com a cidade, na geografia da violência sexual e física, traz algo de implícito, de suspeito nesta comparação. Por que cidade e mulher são relacionadas no campo da violência? Será que é porque a experiência das mulheres na cidade é de violência? Pode ser. A experiência que funda a imagem e o discurso metafórico pode trazer em sua origem experiências/memórias de violência e, por isso, o seu uso. Os textos em geral mostram esta possibilidade: a cidade não é lugar seguro para as mulheres, ou grupos oprimidos, porque a sua estrutura é hierárquica, elitista e opressora – produtora e impulsionadora de violência.

13. Ver artigo de Humberto Maiztegui Gonçalves nesta revista.

14. Ver discussão aprofundada em: DIJK-HEMMES, Fokkeli van. *A metaforização da mulher no discurso profético: uma análise de Ezequiel 23*, p. 335.

Mundo urbano como espaço das possibilidades

Mas não é só violência e submissão, limitação e controle que as mulheres experimentam nas cidades. Aponto aqui algumas suspeitas que buscam os espaços das ruas e das praças como lugar de participação e de atuação das mulheres. A cidade é ambígua para as mulheres. Não dá para encerrar somente numa visão negativa e vitimizadora. Quero buscar algumas janelas onde as mulheres podem ser sujeitos ativos na vida urbana.

A mesma metáfora da mulher-cidade é retomada na profecia de Isaías de forma positiva. A filha de Sião, estéril, terá filhos. Is 54,1-10, ou como mulher em parto, ou amamentando, Is 66. Aqui os textos parecem redimir-se da imagem apresentada antes, em Is 1,21-23; 3,25-26, onde recorrem à imagem da mulher-cidade-prostituta. As metáforas positivas da cidade-mulher são recorrentes nos últimos capítulos de Isaías. Apresentariam aqui uma outra memória/experiência das mulheres na cidade? Parece que sim. Há outros textos que podem dar este panorama da cidade como lugar de mulheres atuarem em alguns campos.

Um primeiro campo é no exercício da sabedoria. A sabedoria, personificada como mulher, é apresentada falando dos altos, junto aos caminhos, nas encruzilhadas e junto às portas, à entrada da cidade a sabedoria proclamando em alta voz a sua palavra, Pr 8,1-3; 9,3. Para ser justa, é preciso dizer que a loucura-personificada mulher também é apresentada nas mesmas alturas das cidades Pr 9,13-14. O que segue o padrão de a cidade ser lugar ambíguo para as mulheres, também em sua linguagem metafórica.

Mas, há uma narrativa que traz a prática de uma mulher em plena atuação de sabedoria numa cidade. 2Sm 20,16 traz uma mulher sem nome, que negocia com o oficial do rei Davi uma saída para a cidade não ser atacada. “Então uma mulher sábia gritou de dentro da cidade: *Ouvi, ouvi; dissei a Joab: Chega-te cá para que eu fale contigo*”. E ele veio falar com ela. Que mulher é esta que grita para um oficial do exército pronto a invadir a cidade e ele para a operação para falar com ela? Ela fala em nome de toda a população. Ou deveria ser bem conhecida ou deveria estar vestindo ou ostentar algo que aponta esta autoridade, este poder de palavra e sabedoria que o texto pressupõe. Ela negocia a cabeça de um homem, o iniciador da revolta, em troca de a cidade não ser invadida. Aqui, uma mulher, em ambiente urbano, exerce uma função de grande poder, e a cidade se desenha assim como um lugar de possibilidades boas para as mulheres.

Mais algumas situações que revelam a cidade como espaço de atuação pública para mulheres. Há textos que condenam as mulheres que são ativas em práticas religiosas que se dão nas ruas e nas portas dos templos na cidade. Que mulheres têm suas práticas de religião doméstica já é bem trabalhado na pesquisa bíblica. Parece que há até certo entendimento e conformidade com estas práticas: ora, mulheres estão “autorizadas” se não pelo texto bíblico, pelo menos pelos exegetas de que atuem no espaço da religião da casa. Mas, textos condenatórios colocam estas práticas nas ruas e nas portas do templo em Jerusalém. Os textos de Jr 7,17-18 e 44,17-19 descrevem mulheres prestando culto à Rainha do Céu, *nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém*. O culto é doméstico em alguns aspectos, mas também aqui e especialmente nesta época, a divisão público-privado não obedece as mesmas regras que hoje temos instituídas

em nossa estrutura social. Ao atuarem no culto, mulheres misturam a realidade doméstica, da casa, com a esfera política e social – elas o fazem em busca de paz, mesmo em contradição com o profeta.

Um outro lugar de atuação religiosa, condenada por outro profeta, é a prática de choro ao Deus Tamuz, que as mulheres fazem na porta do templo, em Ez 8. A performance das mulheres que estão sentadas acontece na entrada do portão, ou da porta do templo. A posição sentada destas mulheres evoca um ritual específico. Uma caminhada com o texto ajuda no entendimento da geografia do ritual. No v. 3 encontra-se uma porta, que é a entrada do pátio interno, conforme é mencionado em 1Rs 6,36; 7,12 no templo de Salomão; em Ez 10,3; 44, 17.21.27; 45,19 e 46,1 também aparecem referências ao átrio interior com sua porta de acesso, e alguns rituais que deveriam acontecer ali. Ou seja, na geografia sagrada, a porta de acesso ao pátio interno é lugar conhecido por seus rituais.

As portas ou os portões sempre foram lugares de rituais religiosos. A simbologia da porta é significativa para a análise das experiências religiosas. Através do desenho e da arquitetura se registrava uma concepção que as portas representavam um lugar limítrofe, uma linha de passagem, o que se apresentava igualmente nos rituais e simbologias em torno dos umbrais e das soleiras. Parece que as portas dos templos são os lugares de as mulheres fazerem seus rituais, nem sempre condenados. Em Ex 38,8, as mulheres que usam espelhos estão à porta do templo para ministrar, assim como em Nm 8,24, onde o serviço dos levitas é mencionado, e, ainda em 1Sm 2,22, onde novamente as mulheres estão à porta ministrando, e os filhos de Eli recebem críticas em suas práticas¹⁵.

A atuação de mulheres nas portas dos templos, nas cidades parece representar simbolicamente o lugar de passagem, transitório e limítrofe onde elas produzem seus rituais e suas significações do sagrado. O mundo da cidade oferece suas ruas, portas, muros, praças, como lugares de atuação e protagonismo de mulheres. Basta o olhar dirigido, com ajuda dos instrumentais de gênero e feministas para descobrir que elas lá estão, presentes, ativas e protagonistas.

Os lugares das experiências das mulheres na cidade

A cidade, com suas ruas, praças, muros, portas e portões é espaço geográfico que pode ser de restrição, de submissão, de violência para as mulheres; mas, também, um espaço de expressão das capacidades protagonísticas das mulheres em campos sagrados, políticos e econômicos. A casa, nos tempos antigos, não tinha a arquitetura que comportava o trabalho das mulheres da porta para dentro. Há funções que levam as mulheres para as ruas: buscar água, ajuntar lenha, tecer roupas e vendê-las, comercializar campos (Pr 31,10-31), dançar vitórias de guerra (1Sm 18,7) ou cantar, tocar e dançar na procissão do santuário (Sl 68,25). Uma vez nas ruas, o espaço público das cidades se torna familiar e palco de suas práticas. Pode ser que algumas práticas e lugares se constituam como lugares tipicamente femininos, desenvolvendo ali atividades

15. Luis Alonso SCHÖKEL, *Dicionário bíblico hebraico-português*, p. 554.

que extrapolam o próprio sentido inicial do lugar. Retomo aqui as reflexões de Michele Perrot, ao analisar a cidade francesa do século 19. Ela aponta o lavadouro de terra firme, nas cidades, como lugar de organização política, prática de solidariedade, plataforma e canal de partilha de informação e de sociabilidade das mulheres¹⁶.

Ruas, praças, janelas, portas, muros são lugares na cidade que recebem esta (re)significação em alguns momentos como espaços onde as experiências das mulheres extrapolam o permitido, o privado e o encaixado. A análise de gênero nos espaços urbanos tem esta função de descobrir o valor da geografia e da arquitetura como espaços de possibilidades e limitações para o desenvolvimento das mulheres, como sujeitos. A perspectiva de gênero vai então igualmente contribuir para construir mais amplamente a noção de cidadania das mulheres, ocupando e transformando espaços, desenhando novos contornos na geografia econômica, política, social e religiosa.

Estes são alguns dos desafios que resultam de um planejamento urbano que se faz sob a ótica de gênero, incorporando experiências de mulheres; o que é, contudo, ainda um exercício incipiente, mas inovador e necessário. Seguramente, incorporar os instrumentais de gênero e explicitar as experiências das mulheres, como espaços de poder e conhecimento na construção da cidade, proporciona outra geografia, mais inclusiva e participativa.

Bibliografia

1. GOTTWALD, Norman K. *As tribos de Yahweh*. Uma sociologia da religião de Israel liberta. 1250-1050a.C. São Paulo: Paulinas, 1986.
2. MEYERS, Carol L. As raízes da restrição. As mulheres no Antigo Israel. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 20, 1988, p. 9-25.
3. MEYERS, Carol L. Everyday life. Women in the period of the Hebrew Bible. In: NEWSON, Carol A. & RING, Sharon H. (ed.). *The Women's Bible Commentary*. Kentucky: Westminster/John Knox, 1992, p. 244-251.
4. BIRD, Phyllis A. Women's Religion in Ancient Israel. In: LESKO, Barbara S. (ed.). *Women's earliest records: from Ancient Egypt and Western Asia*. Atlanta: Scholars Press, 1987, p. 283-303.
5. PERROT, Michele. *As mulheres e os silêncios da história*. Bauru, Edusc, 2005.
6. DIJK-HEMMES, Fokkelen van. *A metaforização da mulher no discurso profético: uma análise de Ezequiel 23*. In: BRENNER, Athalya (org.). *Profetas a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 331-346.
7. SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.

Elaine Neuenfeldt
Pastora da IECLB e assessora do CEBI.

16. Michele PERROT, *As mulheres e os silêncios da história*, p. 354-355.